

## Índice

“Pós-millennials”: chaves intelectuais e éticas.....	1
--	---

### “Pós-millennials”: chaves intelectuais e éticas

Os jovens nascidos por volta da mudança do milénio, que constituem a primeira geração de “digitais nativos”, não são como os seus predecessores. Estão hiperconectados, mas sozinhos nos momentos decisivos. Têm ideais, mas facilmente são paralizados pelo medo de fracassar. Mostram uma atitude inicial de suspeita, mas encontram-se abertos para quem lhes inspira confiança. São mais recetivos às experiências do que aos argumentos. São a Geração Z.

O termo *millennial* é usado para se referir ao modo de pensar e de se comportar das novas gerações. Normalmente consideram-se *millennials* os menores de quarenta anos. Na realidade, seguindo a classificação do [Pew Research Center](#), o correto é restringir o termo aos que têm entre 23 e 38 anos. Por seu lado, os nascidos a partir de 1996 pertencem a uma geração diferente, para a qual existem vários nomes: “*pós-millennials*”, “*iGeneration*” ou “geração Z”. Embora partilhem numerosas características com as que as precederam, possuem igualmente alguns aspetos diferenciais.

Um estudo rigoroso é o de J. M. Twenge, “*iGen: Why Today’s Super-Connected Kids Are Growing Up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy*”. A autora explica que a tendência para a rebeldia perante o estabelecido e o desejo de autonomia perante a família e a sociedade, característicos da juventude nos últimos cinquenta anos, está a mudar. Agora valoriza-se também a proteção e segurança que o lar proporciona; há uma interação com o mundo através do *smartphone* a partir da própria habitação; e as redes sociais transformaram radicalmente as relações pessoais. Alguns estudos que têm em conta o contexto espanhol, por exemplo, são o de G. Stein,

“*Líderes y ‘millennials’*”, e o de N. Villalonga e I. Ortega, “*Generación Z*”.

As análises geracionais explicam como os aspetos estruturais (de tipo económico, tecnológico e social) influem no desenvolvimento da vida das pessoas configurando o seu modo de ver o mundo. Tendo em conta esses aspetos, este artigo propõe algumas reflexões antropológicas e éticas, que normalmente não aparecem nesse tipo de trabalhos.

### Liberdade e suspeita como atitude

Atualmente, liberdade e igualdade são os dois princípios básicos e correntemente aceites da vida das pessoas e das sociedades no Ocidente. Pela liberdade, cada um pode escolher o seu caminho na vida, tal como asseguram os direitos fundamentais. Pela igualdade, considera-se que todas as pessoas têm os mesmos direitos e merecem igual tratamento. Destes valores seguem-se algumas atitudes básicas como o respeito pelos outros e a recusa da discriminação; ou, igualmente, a importância de assumir uma existência “autêntica”, na qual cada um se sinta que é autor da sua vida e dono das suas decisões, como bem [explica Ricardo Yepes](#).

No entanto, nas últimas décadas, foram desaparecendo os referentes ou critérios admitidos pela maioria social. Agora, cada um deve encontrar o seu próprio caminho. Este contexto – com os seus aspetos positivos – apresenta vários problemas aos mais jovens. O principal é a insegurança na hora de tomar decisões de vida e estabelecer relações amorosas ou de amizade. Qualquer jovem procura modelos onde inspirar-se,

mas atualmente é difícil encontrá-los, pois o tecido familiar fraturou-se e os vínculos pessoais são frágeis ou líquidos. Custa encontrar em quem confiar. Por isso, na mesma pessoa pode conviver a esperança própria da juventude, com uma sensação de pessimismo ou mal-estar, fruto do medo de se enganar ou de se ver defraudado. Neste sentido, e embora não seja a norma, é significativo o [aumento de casos de ansiedade e depressão](#) que têm acontecido nestas idades. A principal queixa é que, apesar de estarem hiperconectados, nos momentos decisivos podem sentir-se sozinhos. Muitas vezes, procuram minimizar essa solidão através de comportamentos de tipo consumista ou hedonista, mas, apesar da momentânea satisfação, a longo prazo acabam por piorar o problema.

A grande liberdade social de que dispomos teve como efeito paradoxal que haja mais insegurança e desorientação. De facto, um traço característico dos Z é o que se deveria designar pela “suspeita como atitude”. A falta de confiança, por um lado, e a inúmera informação de que dispõem, por outro, levam-os a interrogar-se sobre “o que existe por detrás disto?”. Por exemplo, como explica J. Boschma em [“Generación Einstein. Más listos, más rápidos y más sociables”](#), ao ver um anúncio ou uma série, procuram de modo quase automático a estratégia que está a ser utilizada para convencê-los.

Em geral, desconfiam do institucional (do Estado, das empresas, da Igreja), mas também de quais são as intenções dos outros e, inclusivamente, chegam a duvidar de si próprios: “O que é que no fundo me move?”. Não é raro que, ao ser-lhes perguntado por ações claramente positivas como o voluntariado, reconheçam ter duvidado de se o que os movia seria ajudar o próximo, ou simplesmente ficar bem ou ter a consciência tranquila. O inovador é que esta suspeita não é fruto de uma sã precaução, tendo-se convertido em algo habitual, quase instintivo. É a atitude inicial na sua relação com o mundo.

Ter capacidade crítica é muito positivo, mas também necessitamos poder confiar nos outros, precisamente para encontrar o nosso caminho na vida e percorrê-lo juntamente com eles. É característico dos Z que, ao verem que não se pode viver com base na suspeita, estejam mais abertos do que outras gerações diante de quem se mostre digno da sua confiança. A curiosidade natural de quem começa a vida, potenciada pelas possibilidades da Internet, também se manifesta numa disposição para atender os que tenham algo relevante a dizer-lhes, seja numa sala de aula, no YouTube ou num encontro pessoal. Por assim dizer, trata-se de uma geração que assume ter as antenas instaladas.

## Experiência mais do que argumentos

Uma das principais causas da desorientação mencionada é o relativismo, isto é, a ideia de que a razão não é capaz de

alcançar a verdade, especialmente em temas éticos ou existenciais. Esta ideia, dominante na cultura dos últimos decénios, parece ser um requisito de qualquer sociedade democrática. Assegurar a liberdade de todos seria incompatível com a existência de uma única verdade. Nisto é confundido o pluralismo social com o relativismo ético.

O mais relevante aqui é que o relativismo gerou uma visão emotivista da moral. Emotivismo não é a mesma coisa que sentimentalismo. Ambos se referem ao lugar da razão na vida. Na pessoa sentimental, existe a primazia do afetivo e é volúvel, mas também é empática e criativa. Por seu turno, o emotivismo – apresentado por Alasdair MacIntyre em “After Virtue” – é uma atitude que baseia as avaliações éticas nos sentimentos, não na razão. Ao atuar, o decisivo não seriam os princípios teóricos que uma pessoa conheça, mas a reação que experimenta perante a situação que enfrenta. E esta reação é, por assim dizer, visceral, sem um apoio racional.

Se para gerações anteriores a razão tinha um peso relevante, atualmente os argumentos racionais não são suficientes – por si mesmos – para convencer. Por exemplo, numa aula de ética com os Z, é possível escutar afirmações como: “É verdade aquilo que dizes, mas não estou de acordo”. Esta expressão contraditória mostra a tensão entre o que a razão lhes diz e o que sentem e experimentam.

Trata-se de uma faca de dois gumes. Do lado negativo, existe o risco de guiar a vida pela percepção subjetiva da realidade. Embora pareça que isto assegura uma existência livre e autêntica, sabemos por experiência que aquilo que nos faz sentir bem nem sempre coincide com o que é correto, e vice-versa. Do lado positivo, esse tipo de contradições recorda aos educadores um princípio já enunciado por Aristóteles: a ética não pode ficar-se no nível teórico, pois tem o seu foco na experiência da vida. Mais exatamente, o bem é conhecido fazendo-o. Seguir este princípio não é somente muito recomendável num contexto emotivista, onde a experiência tem mais peso do que a razão, como é uma ocasião para apresentar uma educação ética mais completa, que inclua a afetividade e o caráter.

Neste sentido, são de interesse as iniciativas do [Jubilee Centre for Character & Virtues](#), as abordagens de A. Havard em “Virtuous Leadership”, ou o livro de A. Aguiló “Educar los sentimientos”. O que se aprende através da experiência mergulha no fundo da pessoa e é uma vacina contra as incoerências ou fraturas da vida tão características de outras gerações. O ideal seria conseguir recuperar o valor da razão partindo da experiência da vida.

## Ausência do pai e fragilidade

A ausência da figura paterna influenciou claramente os *post-millennials*. Muitas vezes foi uma ausência real, devido ao dramático aumento das rupturas familiares. Mas também é relevante a crise de identidade da paternidade, isto é, do papel que cabe a esta na família. O pai é necessário tanto para o desenvolvimento dos homens como das mulheres, pelo modo como intervém na relação original que qualquer filho tem com a sua mãe. Na figura paterna, a criança encontra – entre muitos outros aspetos – limites para os seus desejos, segurança perante os perigos e confiança nas suas capacidades e aptidões. Algumas publicações recentes que o explicam são: “De tal palo. Una mirada desde el corazón del hijo”, de J. Schlatter e “[Masculino](#)” (“Aceprensa”, 6.3.2019), de M. Ceriotti Migliarese. E, à margem de polémicas, o fenómeno mediático de Jordan Peterson, com os seus milhões de seguidores e o livro (“Aceprensa”, 22.11.2018) “[12 Rules for Life](#)”, [parece confirmar](#) o anseio de muitos jovens para reencontrar os valores paternos.

Uma consequência dessa ausência seria um tipo de fragilidade característico dos Z. Fragilidade não é aqui sinónimo de debilidade de carácter, porque é compatível com ser um jovem ativo e com ambições. Trata-se de uma fragilidade interior que se manifesta, por exemplo, em grandes frustrações por não alcançar um objetivo ou ao descobrir que não se está à altura do que – supostamente – os outros esperam. É esclarecedor que algumas universidades comecem a oferecer cursos para [aprender a fracassar](#) (“The Wall Street Journal”, 18.12.2018).

Como bons jovens, os Z são idealistas, mas ao comprovar a distância entre os seus sonhos e a realidade da sua vida, em vez de encararem isso como “tenho um desafio pelo qual lutar”, não é raro que surja um desânimo que os leva a “atirar a toalha”. É consequência de se verem sozinhos, como se não tivessem pessoas em quem apoiar-se.

Outra manifestação desta peculiar fragilidade é a exigência de serem protegidos pela família, pela instituição educativa ou pelo Estado. Aparece de modo paradigmático nos debates sobre os lugares seguros (“*safe spaces*”) e a liberdade de expressão em universidades da América e da Europa. Analisam-no com grande tino, G. Lukianoff e J. Haidt, em “The Coddling of the American Mind” (2018). O inovador é que os estudantes exigem não se sentir “agredidos” por ideias que diferem das suas. Em vez de criticarem essas ideias ou discutirem-nas com os que as defendem, o que pedem é serem protegidos, proibindo a presença do outro no campus ou, inclusivamente, apagando os programas das cadeiras letivas. Estas formas de fragilidade devem ter-se muito em conta na tarefa educativa, mas a solução não é a “hiperproteção”, pois torná-los-ia mais frágeis. O que é necessário é possibilitar que cada um pense por si próprio.

Por último, esta fragilidade aparece também na educação ética. A moral parece-lhes inicialmente algo incómodo, porque em seguida personalizam e parece que se trata de julgar as pessoas. Além disso, o desejo de respeitar a todos fá-los reagir perante os conceitos de bom e de mau, que seriam demasiado “duros”. Na realidade, como explica A. Llano em “[La vida lograda](#)” (“Aceprensa” 17.4.2002), há formas de viver melhores e piores, mas isto não implica condenar nem se situar acima de ninguém. É necessário recordar que a vida é dinâmica e que a pessoa nunca fica apanhada nos seus atos. Mesmo uma ação claramente má (como o ódio ou a traição) não nos determina. É sempre possível retificar e aprender. Hoje mais do que nunca, o ensino moral deve sublinhar a esperança.

É lógico que os Z se sintonzem facilmente com pessoas que encarnem o “papel paterno”: um familiar, um professor ou professora, um sacerdote. Neles, ou nelas, encontram resposta para as carências mencionadas. O que não se pode é pressupor, nem muito menos exigir, o reconhecimento de algum tipo de autoridade especial devido à idade, experiência ou posição. A autoridade e a confiança é preciso ganhá-las em cada caso.

## Cultivar o mundo interior

A partir do livro de N. Carr, “[The Shallows](#)” (“Aceprensa”, 23.03.2011), é um lugar-comum falar da superficialidade das novas gerações. A sua causa seria a falta de atenção que a Internet fomenta com os seus saltos de clique em clique; assim como a atrofia, pela celeridade das nossas reações, da capacidade de reflexão. Mas, tal como sucedia com a fragilidade, esta superficialidade tem um sentido específico. Não significa que os Z sejam mais volúveis ou caprichosos do que outras gerações, mas que tendem a simplificar a realidade usando categorias dicotómicas como correto-incorreto, tolerante-dogmático ou fixe-aborrecido. Custa-lhes ver a complexidade e os matizes da vida. Por exemplo, uma conversa com eles sobre cinema ou literatura pode acabar rapidamente, uma vez que tenha sido clarificado quem são os bons e os maus e onde reside a moral da história.

Este tipo de superficialidade descreveram-no tanto D. Brooks como W. Deresiewicz nos seus artigos “[The organization kid](#)” e “[Solitude and Leadership](#)”. O ritmo frenético de uma vida voltada para o exterior faz com que a solidão ou o silêncio se tornem incómodos, porque a pessoa descobre-se bastante vazia por dentro, sem muito que fazer, a não ser aborrecer-se. É preciso cultivar o mundo interior povoando a imaginação com as grandes histórias, criações e ideias da humanidade. Nesse terreno fértil poderão germinar convicções profundas que permitam não estar à mercê das modas, da opinião dos outros e do próprio estado de espírito. Ou, como explica Deresiewicz, dirigir-se para uma liderança autêntica, muito

diferente de ser simplesmente o primeiro – o mais inteligente, o triunfador ou o mais popular – do rebanho.

## Osmose cultural

O panorama exposto é algo sombrio. Ao mesmo tempo, quem quer que se relacione com os jovens, sabe que apresentar-lhes as causas do seu modo de pensar – sempre que isso não seja feito com ânsia moralista ou condenatória – tem um efeito libertador. Ajuda-os a adquirir esse “hábito da distância” de que [fala V. Pérez-Díaz](#). Dizia Chesterton que o que está mal no mundo é precisamente que não sabe que está mal. No fundo, referir as sombras da nossa cultura permite ver melhor as suas muitas luzes.

Na educação, poder-se-ia dizer que a nossa é a hora da beleza. Embora numa perspectiva religiosa, o bispo Barron propõe em “To Light a Fire on the Earth” ideias que são generalizáveis. No crescimento pessoal, para chegar à verdade (a doutrina) e ao bem (a moral), atualmente o caminho mais direto é a beleza (a experiência do nobre e do sublime). Com efeito, a experiência do belo na arte, na natureza e – sobretudo – na vida das pessoas, oferece motivos de esperança. Por exemplo, num ambiente hipersexualizado como aquele em que vivemos, a experiência do belo ajuda a redescobrir a nobreza do amor romântico.

A esperança é o valor mais necessário, porque proporciona sustento ao caminhante, marca o norte onde existe desorientação e transforma a suspeita em confiança. Só se tivermos esperança, saberemos como vale a pena utilizar a liberdade. No filme “[Boyhood](#)”, onde se segue a evolução de um rapaz desde os 6 aos 18 anos, pode-se ver muito do aqui explicado, especialmente a necessidade de encontrar fontes de esperança.

Os traços antropológicos e éticos mencionados são culturais e, portanto, adquirem-se por osmose, ao nascer numa determinada época. Se houvesse que procurar responsáveis, estariam nas gerações anteriores, concretamente nos pais dos Z, de quem aqui não se falou. Mas não se trata de julgar ninguém, e menos ainda uma geração inteira. Cada época tem os seus aspetos negativos e positivos. Apesar das carências, as nossas sociedades melhoraram claramente em numerosos aspetos. Em educação, a cultura é o ponto de partida. Não se pode esperar que a cultura mude para ajudar a amadurecer os jovens. Como [explica Charo Sádaba](#), especialista em nativos digitais, o necessário é sintonizar com a sua maneira de pensar e sentir para poder dialogar com eles.

J. M. T.